

Cortella em corte epistemológico: difusionismo enciclopedista no programa “Academia CBN”

Cortella in epistemological section:
encyclopedist diffusionism in the
program “Academia CBN”

Cortella en corte epistemológico:
difusionismo enciclopedista en el
programa “Academia CBN”



Marcos Antônio Zibordi

Doutor em Ciências da Comunicação
e professor da Universidade de São
Paulo (USP).

mzibordi@hotmail.com

Enviado em: 19/04/2019

Aceito em: 16/10/2019

RESUMO

Pretende-se evidenciar a filiação aos paradigmas cartesianos no quadro radiofônico “Academia CBN”, veiculado pela rádio CBN paulistana desde 2012 e apresentado pelo filósofo Mário Sérgio Cortella. Problematizamos sua postura de difusionismo científico com base nos programas de janeiro de 2019 a partir de parâmetros como tema, livros e autores citados. A base teórica epistemológica tem como referências principais Edgar Morin e Cremilda Medina. Concluimos que a proposta do “Academia CBN” de discutir filosofia pelo rádio não é dialógica, mas impositiva, esgotando-se na limitada transmissão de conteúdos.

PALAVRAS-CHAVE

Rádio CBN. Paradigma.
Epistemologia.

RESUMEN

Se pretende evidenciar la filiación a los paradigmas cartesianos en el cuadro radiofónico “Academia CBN”, transmitido por la radio CBN paulistana desde 2012 y presentado por el filósofo Mário Sérgio Cortella. Problematizamos su postura de difusionismo científico con base en los programas de enero de 2019 a partir de parámetros como tema, libros y autores citados. La base teórica epistemológica tiene como referencias principales Edgar Morin y Cremilda Medina. Concluimos que la propuesta de la “Academia CBN” de discutir filosofía por la radio no es dialógica, sino impositiva, agotándose en la limitada transmisión de contenidos.

PALABRAS CLAVE

Radio CBN. Paradigma.
Epistemología.

ABSTRACT

It intends to evidence the affiliation to the Cartesian paradigms in the radiophonic framework CBN Academy, transmitted by CBN radio from São Paulo since 2012 and presented by the philosopher Mário Sérgio Cortella. We problematize his position of scientific diffusionism based on the programs of January of 2019 from parameters such as theme, books and authors quoted. The main theoretical references are Edgar Morin and Cremilda Medina. We conclude that the CBN Academy's proposal to discuss philosophy on the radio is not dialogic but imposing, exhausting itself on the limited transmission of content.

KEYWORDS

CBN Radio. Paradigm.
Epistemology.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, provavelmente nenhum intelectual brasileiro do campo acadêmico alcançou tanta popularidade quanto o filósofo Mário Sérgio Cortella, sobretudo pela atuação em veículos de comunicação de grande alcance.

Segundo informações do site pessoal, além de filósofo, Cortella é “professor, escritor, político, palestrante e pai”, sendo ainda “um dos maiores pensadores brasileiros da atualidade”¹. Graduado em Filosofia, tem mestrado e doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e atuação no ensino superior. Quanto às atividades políticas, foi secretário de educação da prefeitura de São Paulo no início da década de 1990.

Entre as ocupações de Cortella em 2019 estão a realização de palestras, a escrita de livros e as intervenções incidentais e regulares na rádio CBN da capital paulista através do quadro “Academia CBN”, objeto deste artigo. Em seu site pessoal lemos ainda que “com participação em diversos programas de televisão e rádio, o nome Cortella tem ganho cada vez mais notoriedade”.

É difícil discordar. Após consulta à página brasileira da Amazon² para dimensionar sua produtividade bibliográfica, encontramos 47 obras. Descontadas as parcerias e coletâneas, 35 são de autoria exclusiva de Cortella. Apesar de publicados desde 2005, a quantidade de lançamentos sobe e se mantém alta a partir de 2013, quando o filósofo publicou seis livros, inclusive os dois primeiros volumes, de quatro, inspirados no quadro radiofônico “Academia CBN” – o título dessas obras repete o bordão de abertura “pensar bem nos faz bem”.

Ainda sobre os livros baseados no “Academia CBN”, os volumes 3 e 4 saíram em 2017 e 2018, quando Cortella publicou, respectivamente, oito e nove obras, por diversas editoras, algumas com parceiros populares, como Pedro Bial e Marcelo Tass. São obras que tratam, predominantemente, de filosofia, mas ainda de educação, ética, religião, liderança, mundo corporativo, educação dos filhos, preconceito. Saem também versões em espanhol.

58

2 MÁRIO SÉRGIO CORTELLA E O “ACADEMIA CBN”

O “Academia CBN” é veiculado desde maio de 2012. O quadro é apresentado como sendo de “reflexões e provocações sobre o cotidiano e as relações humanas”³. No período cujo conteúdo discutiremos neste artigo, janeiro de 2019, as entradas de Cortella ocorrem de segunda a sexta-feira, duas vezes ao dia. A primeira, por volta de 6h30, é repetida no final da tarde, pouco antes das 18h.

Cada intervenção tem tempo praticamente igual. Em janeiro de 2019, a média foi de 2 minutos e 22 segundos. Com estrutura narrativa fixa, os primeiros 20 segundos são ocupados pela vinheta que anuncia o “Academia CBN”.

Então Cortella começa, invariavelmente, com a frase “pensar bem nos faz bem, então vamos pensar um pouco sobre...” - após esse “sobre”, o filósofo apresenta o tema do dia. Em janeiro de 2019 ele abordou o lugar da filosofia, a passagem do tempo, pessimismo, liberdade, amizade e a cidade de São Paulo, entre outros assuntos.

¹ Disponível em: <<http://mariosergiocortella.com/sobre-mario-sergio-cortella/>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

² Disponível em: <https://www.amazon.com.br/ref=nav_logo>. Acesso em: 02 fev. 2019.

³ Disponível em: <<https://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/80/academia-cbn>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

A apresentação do tema não ultrapassa um minuto. Entre vinheta e apresentação, transcorre metade do tempo do “Academia CBN”, que seguirá com uma menção a um escritor e a uma obra, sobretudo de filosofia e literatura. Essa menção tem especificidades, como informar o ano de nascimento do autor e da publicação do livro. Em janeiro de 2019, o filósofo arrolou apenas um escritor nascido no século 20, Umberto Eco, e seu romance O nome da rosa. Todas as outras citações, em 21 programas, são do século 19, para trás.

Após arrolar um autor – em janeiro foram só homens – Cortella cita uma frase da obra escolhida, repetindo partes ou o trecho inteiro, explicitando sentidos e relacionando-os ao tema do quadro. O tempo então terá ultrapassado dois minutos e o filósofo encaminha o encerramento com outro bordão, cuja pronúncia tem o momento de impositação mais incisiva, na voz naturalmente grave de Cortella, que alonga a pronúncia das vogais “o” na frase “é tempo para o conhecimento”.

Quanto às categorias de análise para monitoramento do “Academia CBN” em janeiro de 2019, estabelecemos cinco parâmetros: os dias do mês em que o quadro foi veiculado; o título de cada intervenção; o tema, indicado na tabela entre aspas com expressões do próprio Cortella; os autores e as obras citadas. A maioria das intervenções reproduzem e comentam uma frase do autor que ilustra o assunto do dia – na tabela a seguir, quando não há o título da obra, ela não foi mencionada por Cortella.

TABELA 1 – “Academia CBN” em janeiro de 2019

DIA	TÍTULO	TEMA	AUTORES CITADOS	OBRA CITADA
02	De fato, da terra vem todas as coisas e na terra elas acabam	"retorno Inclemente"	Xenófanes (570-475 a.C.)	Bíblia (Gênesis)
03	Às vezes, desejamos que o que fazemos não tenha consequências	"decisão assumida"	Ortega Y Gasset (1883-1955)	*
04	Algumas necessidades são relativas	"necessidade relativa"	Epicuro (341-270 a.C.)	Máximas capitais
07	Uma reflexão sobre o tempo	"presente contínuo"	Agostinho de Bona (394-430)	Confissões
08	O sábio é quem tem consciência da ignorância sobre alguns temas	"humildade sábia"	Nicolau de Cusa (1401-1464)	Douta ignorância
10	Será que a filosofia tem um lugar arrogante?	"tarefa racional"	Voltaire (1694-1778)	Dicionário Filosófico
11	Por que algumas pessoas não conseguem descansar?	"descanso coerente"	Pascal (1623-1662)	Pensamentos
14	O risco de mentir sempre é não ser acreditado quando se fala a verdade	"Disfarce eficiente"	Aristóteles (384-322 a.C.); Diógenes Laércio (180-240 d.C.)	
15	O perigo de acreditar que o poder político vem de Deus	"direito divino"	Napoleão Bonaparte (1769-1821)	
16	O que é ruim sempre pode piorar	"certeza ruim"	Leopardi (1798-1837)	Zibaldone
17	Mesmo nascendo livres, nossa liberdade tem limites	"liberdade relativa"	Rousseau (1712-1778)	O contrato social
18	O perigo de se acostumar com o que não é normal	"comodidade serena"	Esopo (564 a.C.)	Fábulas
21	Quem é teu amigo: quem te elogia ou quem te critica?	"amizade sincera"	Folhas Esvoaçantes (semanário alemão 1845-1828)	
22	Aquilo que está em você é a sua possibilidade real de transformação	"disposição interna"	Novalis (1772-1801)	Fragmentos

Cortella em corte epistemológico

23	A diferença entre perseverança e obstinação	"foco flexível"	Laurence Sterne (1713-1768), Machado de Assis 1839-1908)	Tristram Shandy
24	A vitalidade da literatura	"vitalidade literária"	Anton Francesco Doni (1513-1574)	Il marmorì
25	A multitudine de São Paulo	"eternidade efêmera"	Cervantes (1547-1616)	Dom Quixote
28	Alvo facilitado: a fraqueza demonstrada	"Alvo facilitado"	Umberto Eco (1932-1916)	O nome da rosa
29	O amigo não é quem só aconselha, mas quem ajuda e faz junto	"Apoio restrito"	Giulio Cesare Croce (1550-1609)	Bertoldo e Bertoldino
30	Por trás de uma retórica furiosa, pode estar uma atração secreta	"Motivo obscuro"	William Hazlitt (1778-1830)	
31	Depois de um mês, você já começou a colocar em prática as resoluções do ano novo?	"Féretro antecipado"	Jean Giraudoux (1882-1944)	Jornal Le Sport

Fonte: Monitoramento "Academia CBN".

* Quando não há anotação de obra citada, significa que o autor não a mencionou no comentário.

Com base no material empírico do quadro "Academia CBN", procuraremos identificar as principais diretrizes científicas compartilhadas por Cortella e outras, a partir das quais problematizaremos seu difusionismo de caráter enciclopédico, pouco sintonizado com o paradigma contemporâneo de diálogo necessariamente complexo entre saberes múltiplos.

3 VISÕES DE MUNDO

Ao abrir suas intervenções radiofônicas afirmando que "pensar bem nos faz bem", Cortella reverbera o fundamento do paradigma cartesiano segundo o qual "penso, logo existo" (DESCARTES, 1996, p. 38). Paradigma é "aquilo que está no princípio da construção das teorias" (MORIN, 2005, p. 45), conduzindo o pensamento científico a partir de "categorias-mestras" capazes de "controlar simultaneamente o lógico e o semântico" (MORIN, 2008, p. 162).⁴

O paradigma "permanece como recorrência acumulada nos períodos seguintes" (GRECO, 1991, p. 160), ou seja, não fica circunscrito a ciclos históricos, como se pode observar nas matrizes cartesianas presentes no bordão elogioso de Cortella ao ato de pensar, assim como na própria estrutura linear do quadro radiofônico, com começo, meio e fim demarcados, construindo narrativa estável, capaz de conduzir seguramente a discussão porque a linearidade garante previsibilidade.

Além do elogio ao "pensar", percebemos ecos específicos dos quatro princípios cartesianos no quadro "Academia CBN". Em seu Discurso do método, Descartes, prevenido, pretende aceitar como verdadeiro somente aquilo que se "apresentasse tão clara e distintamente" a seu "espírito" (2001, p. 23), como parece ser clara a relevância da lista de clássicos citados por Cortella, legitimados por séculos de tradição. Metade dos autores aludidos em janeiro de 2019 é anterior ao século 17 e, ao trazer à baila luminares da estatura de Esopo, Epicuro, Aristóteles, Voltaire, Pascal, Rousseau e Cervantes, o filósofo se dirige aos ouvintes a partir de um prisma canônico, de conhecimento acabado, assentado sobre "a autoridade dos pais fundadores" (MORIN, 2005, p. 155)

⁴ A discussão sobre paradigma passa, necessariamente, por Thomas Kuhn, autor de A estrutura das revoluções científicas (2006). Contudo, por Morin considerar "bastante hesitante e incerta" (2008, p. 162) a noção de paradigma de Kuhn, evitaremos a controvérsia, teoricamente muito ampla para os limites e interesses deste artigo, privilegiando o diálogo com o autor francês.

Essa escolha bibliográfica seleciona e hierarquiza, conforme preveem o segundo e o terceiro princípios cartesianos (DESCARTES, 2001, p. 23). Eleger aquilo que interessaria à formação do ouvinte promove hierarquização não necessariamente porque separa o importante do desimportante, mas sobretudo por instilar a ideia de que o saber se dá somente em escala ascensional. Assim, com pílulas diárias, seria possível atingir o topo do conhecimento; talvez, na cabeça do ouvinte de Cortella, progredir até o “conhecimento verdadeiro” ou “total”. Morin lembra que a ideia de progresso é sedutora pois, “sendo por natureza cumulativa e linear, traduz-se de forma simultaneamente quantitativa (crescimento) e qualitativa (isto é, por um ‘melhor’)” (2005, p. 96).

A perspectiva pedagógica que pretende incentivar e suprir a evolução intelectual emitindo lições seriadas estabelece a primazia do professor, voz competente para ensinar, enquanto aos alunos caberia a competência de ouvir. Essa estrutura vertical de transmissão do conhecimento caracteriza aquilo que Paulo Freire ironizou como “educação bancária” (1987), depositária de conteúdos a audiências alienadas. Freire fala de uma “curiosidade não facilmente satisfeita” (1996, p. 28) e ataca, entre outros aspectos, a inocuidade da narrativa professoral que, pretensamente bem-intencionada, disserta, expõe, ministra conteúdos, sem jamais ser revolucionária. Para isso, precisaria começar conhecendo os interesses dos alunos ao invés de impor uma lista de autores; precisaria dialogar, não só emitir. Daí o pedagogo pernambucano apelar para a necessidade de “problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza” (FREIRE, 1983, p. 81).

Problematizar não é exatamente o que Cortella faz com as frases de autores consagrados. Ao repetir partes e a citação inteira visando eliminar dúvidas, realiza o quarto princípio cartesiano que prevê “fazer em tudo enumerações tão completas, e revisões tão gerais” para ter “certeza de nada omitir” (DESCARTES, 2001, p. 23).

Entre os autores que sustentam nossa argumentação, Morin faz a crítica epistemológica mais contundente ao legado cartesiano e suas reconfigurações, como o positivismo. Em *Ciência com consciência* (2005), o autor combate aspectos que considera reducionistas, como a emergência de discursos especializados, competentes para resolver “problemas já solucionados no passado”:

Vivemos numa sociedade na qual, cada vez mais, os problemas derivam dos especialistas. É especialista disso, especialista daquilo... Perdemos o direito de ter um ponto de vista em favor do especialista que monopoliza o direito à decisão, já que ele tem competência. Como pode funcionar uma democracia a não ser cada vez mais esvaziada quando o cidadão é desqualificado pelo especialista? (MORIN, 2005, p. 81).

Se as bases da ciência ocidental contemporânea são cartesianas, a pesquisa metódica, racional e verificável é definitivamente estabelecida no século 18, iluminista, que gerou avanços e mitificações, como a “crença em que todos os problemas da humanidade seriam, com o tempo, resolvidos pela ciência” (GRECO, 1991, p. 165). Com a eliminação da ideia de Deus, a manutenção da ordem passou a ser tarefa intelectual. No “século das luzes”, pensadores como os chamados “enciclopedistas” pretendiam coligir e divulgar conhecimento, numa atuação semelhante à de Cortella, entusiasta da ideia de aclarar o caminho dos ouvintes com dicas filosóficas.

Segundo Rouanet, os enciclopedistas “se consideravam membros de uma família espiritual que abrangia autores da Antiguidade e da Renascença” (1987, p. 27-28). Nesse sentido, ao observarmos a tabela de referências mencionadas por Cortella,

seu parentesco iluminista resplandece. O “enciclopedismo” foi o ápice de uma trajetória de esclarecimento intelectual pela razão, “importantíssima realização histórica do Iluminismo, certamente a mais prestigiosa, mas não a primeira, nem a última.” (ROUANET, 1987, p. 28).

O conhecimento enciclopédico agrava a cisão cartesiana entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível. Nas falas de Cortella, ficam nítidas as divisões: o conhecedor, os objetos conhecidos ou a serem desvendados cientificamente, e a audiência, ignorante, que será depositária das informações. Essa pretendida separação entre sujeito e aquilo que ele investiga fez com que a ciência perdesse a capacidade de discutir a si mesma (DAMÁSIO, 2003; MEDINA, 2008; MORIN, 2005).

A cisão entre pesquisador e objetos de pesquisa – aliás, a própria concepção de que o investigável é um “objeto” – foi responsável por grandes avanços, mas tornou os métodos científicos cegos à subjetividade humana, ao outro, prejudicando até a capacidade de dialogar (MEDINA, 1986). Pensando nisso, talvez possamos entender porque um programa radiofônico com objetivos filosóficos é conduzido por um narrador onisciente, sem espaço para antagonistas. Cortella protagoniza com autoridade, por isso fala sem ouvir contrapontos, que poderiam ser posicionamentos divergentes de outros autores ou ouvintes. “Pensa-se inscrevendo ideias claras e distintas num discurso monológico” (MORIN, 2005, p. 331).

O cientificismo clássico, objetivista, elimina o sujeito e suas complexidades em proveito de um determinismo. Conforme resume Morin, “enquanto o saber, na tradição grega clássica até a Era das Luzes e até o fim do século 19 era efetivamente para ser compreendido, pensado e refletido, hoje, nós, indivíduos, nos vemos privados do direito à reflexão.” (MORIN, 2005, p. 136).

Os princípios de inteligibilidade da ciência clássica construíram um paradigma da simplificação, que elimina toda complexidade em favor de explicações pretensamente acabadas, objetivas e incontroversas. Uma das operações dessa ilusão cientificista é a redução dos “conhecimentos dos conjuntos ou sistemas ao conhecimento das partes simples ou unidades elementares que o constituem” (MORIN, 2005, p. 330).

Trata-se de um processo mutilador, de fragmentação, semelhante ao raciocínio que produz o “Academia CBN”: pinça-se um autor, uma obra e, desta obra, uma frase de efeito, gerando o conteúdo condensado em pouco mais de dois minutos. A predileção pelo recorte pontual é manifesta não só no paradigma simplificador que sustenta a estrutura do quadro radiofônico, mas no conteúdo narrativo, como no dia 08 de janeiro, quando o filósofo citou Nicolau de Cusa em “sua obra mais importante”, ou, na semana seguinte, ao classificar Aristóteles como “um homem que é o topo da própria filosofia”.

O enquadramento paradigmático do “Academia CBN” não pode deixar de fora o bordão “é tempo para o conhecimento”, com o qual Cortella encerra suas intervenções. O slogan difunde a máxima iluminista expressada por Kant ao defender o uso da razão em prol do avanço do saber, evitando um “crime contra a natureza humana, cuja determinação original consiste justamente neste avanço” (1995).

Como o debate que propomos é epistemológico, cabe perguntar: de qual conhecimento Cortella está falando? Certamente não são aqueles saberes rotulados, e muitas vezes confundidos, como “populares” ou “de massa” (CANCLINI, 1983). Nas circunstâncias socioeconômicas e educacionais brasileiras, mesmo numa cidade como São Paulo, o filósofo versa sobre autores e obras pouco acessíveis. O distanciamento com intenções aliciadoras, uma espécie de “afeto autoritário” (RIBEIRO, 2005),

não está só nas referências; começa na maneira com a qual Cortella se expressa, empolada no tom e no vocabulário. Leiamos a transcrição de sua fala em 08 de janeiro de 2019, sobre a atitude filosófica de ter consciência da própria ignorância – os volteios textuais são inacreditáveis quando pensamos na coloquialidade solicitada pelo rádio:

Pensar bem nos faz bem, então vamos pensar um pouco sobre sabedoria expressa, a humildade sábia, pessoas que sabem que não sabem e, portanto, não simulam uma sabedoria que não têm, e nem acham que aquilo que sabem é a única coisa que pode ser sabida, e nem imaginam que outras pessoas nada sabem, portanto não excluem o conhecimento como sendo algo marcado por um privilégio ao que está colocado unicamente em uma pessoa ou em um grupo. (CORTELLA, 2019).

Tratar da ignorância inevitável prescrevendo prevenções intelectuais em linguagem culta soa contraditório porque a maneira de se expressar desdiz a pretensão de humildade. As filiações cartesianas e enciclopedistas do “Academia CBN” não promovem comunicação dialógica, o que implicaria numa relação com o conhecimento que não se contenta – porque não se esgota - na mera transmissão de informações. Implicaria, antes, em encarar o conhecimento como resultados de complexas disputas, como também desconfiar seriamente das prescrições, assim como, de alguma maneira, incluir o ouvinte não como mero receptor, mas como dialogante.

O “Academia CBN” não dá conta da complexidade envolvida no diálogo social, nunca garantido, mas sempre possível. Para Cremilda Medina, esse “princípio difusionista, funcionalista” se constitui como “a tendência de marcar a comunicação social por um vetor dirigido da fonte de informação ao usuário, a audiência, o leitor, o ouvinte, o espectador das mídias” (2005, p. 16).

Comunicação social, contemporaneamente, não significa a operação mecânica de decifrar e repassar informações. Nem deveria alimentar o supremo mito, ainda predominante, do comunicador neutro, menos ainda naquele que pretende estabelecer a ponte entre ciência e sociedade. Do ponto de vista ético, entendemos que “não basta ter boas intenções para ser verdadeiramente responsável. A responsabilidade deve enfrentar uma terrível incerteza” (MORIN, 2005, p. 118).

O “Academia CBN” não se caracteriza por afrontar dúvidas, muito menos promovê-las. Não há contraponto e, em geral, o conhecimento difundido não é apresentado em suas inúmeras injunções, comprometimentos políticos, ideológicos, econômicos, entre outros. Fala-se de filosofia, história e literatura como campos estáveis, não de disputa. Cortella, assim, concorda novamente com Descartes, que “via claramente que conhecer era maior perfeição do que duvidar” (1996, p. 39). Para Morin, ao contrário, “o conhecimento progride para nos ensinar a ignorância” (2005, p. 70).

4 DIFUSIONISMO CIENTÍFICO

Diversas posições teóricas no campo das humanidades entraram o século 21 questionando as persistências do legado cientificista discutidas no tópico anterior. Visando transformar a relação entre o senso comum e a atividade de pesquisa, o sociólogo Boaventura Souza Santos, proponente de rupturas e reconfigurações nos dois campos, afirma “não ser hoje legítimo deixar fora da epistemologia a reflexão sobre as condições sociais, políticas e culturais de produção científica, uma vez que estas não ficam à porta do conhecimento científico, antes o penetram até aos seus mais íntimos recessos” (1989, p. 129).

Na comunicação social, propostas de mudanças epistemológicas pressupõem assumir certos paradigmas contemporâneos. No que diz respeito ao “Academia CBN”, significaria abandonar um signo meramente difusionista, de transmissão de informação, por uma postura que admite as divergências como constituintes, e não como acidentes científicos residuais. A comunicação “dialógica” (MEDINA, 2005, 2008, 2010, 2016), diferente do discurso radiofônico de Cortella, assume os pontos cegos das teorias, as incapacidades e os limites explicativos. Para Cremilda Medina, com itálicos da autora, “é inadequada a bandeira de *comunicação coletiva*, enquanto não se vê criticamente que o que se faz é principalmente *transmissão dirigida*” (2016, p. 58).

Esse anacronismo, atribuído pela autora a um positivismo “poderosamente operante nos dias de hoje”, satisfaz a audiência com informações ditas de utilidade pública num “tom afirmativo perante os fatos” (2008, p. 25). A satisfação do ouvinte, pressupondo que ocorra, não significa, do ponto de vista teórico aqui assumido, que Cortella estabelece efetiva comunicação – não estamos falando, evidentemente, das “provas em contrário” que a audiência possa dar.⁵

Para Medina, um certo “analfabetismo afetivo” distingue comunicadores e a comunicação social por conta da tomada de posição piegas no que diz respeito ao outro, com o qual se dialogaria também subjetivamente, e não só a partir da concretude dos dados da razão. Estar afeto aos sujeitos diferentes não significa estar afetado emocionalmente, como expressam as boas intenções pedagógicas; implica em conhecer, experienciar e até mesmo assumir, quando possível, determinadas posições dos protagonistas sociais, como, por exemplo, adotar um narrador que não seja a clássica terceira pessoa majestática, a que mais pretende demarcar a ilusória separação entre sujeito e objeto (2010, p. 149). Tratam-se de técnicas de construção de narrativas culturais, não da vontade de praticar boas ações. O verbo não é transmitir, mas trocar.

Essas “atrofias” no mínimo dificultam o “diálogo dos afetos”, ou seja, dos afetados e dos que se deixam afetar pelas ocorrências socialmente comunicáveis. Por isso a narrativa difusionista do “Academia CBN” não é, ainda segundo Medina, “polifônica e polissêmica” (2010, p. 149), porque expressa poucas vozes e sentidos, apesar de citar autores e livros diferentes a cada dia, falando com milhões de ouvintes desde 2012. “A visão de mundo, paradigmas e ideologias revisitados criticamente e comportamentos solidários levam à mutação do relato emissor-receptor do difusionismo” (MEDINA, 2010, p. 150).

Faltam requisitos a Cortella para que, enquanto narrador, se aventure a criar uma “assinatura coletiva”, pois o “Academia CBN” investe pouco na variedade de significados conflitivos das lições filosóficas radiofônicas. Além de técnico, seria necessário um comprometimento ético e estético – do ponto de vista narrativo, fugir ao esquematismo que parece insuperável quando falamos em veículos de comunicação de grande alcance.

5 DA LITERATURA

Há ainda um ranço que gostaríamos de discutir em suas particularidades nacionais, a síndrome doutoral caracterizadora de gerações da intelectualidade brasileira.

⁵ Blog especializado noticiou que o “Academia CBN” está entre os podcasts mais baixados da rádio, na casa dos milhões de downloads. Disponível em: <<https://radioamantes.wordpress.com/2018/02/27/podcasts-da-cbn-ja-passam-de-45-milhoes-de-downloads/>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

Da literatura nos vem, do início do século passado, um exemplo de ácida crítica ao falso saber travestido de autoridade científica. Trata-se do conto “O homem que sabia javanês”, publicado por Lima Barreto em 1911. Após ler um anúncio sobre a importância da língua estrangeira, o personagem passa a estudar, dar aulas, e o reconhecimento social o leva a ser nomeado para altos cargos no governo, até côsul. O conto rechaça o “conhecimento fácil e sem sentido, da erudição de lustro e vazia de significado, típica de nossos homens de letras, da nossa República e do jornalismo burguês e capitalista” (SCHWARCZ, 2017, p. 369).

Para Sérgio Buarque de Holanda, as raízes nacionais desse fenômeno também são positivistas. O autor se espanta com a facilidade com que nossos intelectuais se alimentam das mais diversas teorias e sustentam os pontos de vista mais díspares, com “palavras bonitas ou argumentos sedutores” (1995, p. 155). Ele lembra das centenas de diplomados que não farão uso do diploma, mas com ele alçarão, mesmo assim, postos relevantes de trabalho.

Não têm conta entre nós os pedagogos da prosperidade que, apegando-se a certas soluções onde, na melhor hipótese, se abrigam verdades parciais, transformam-nas em requisito obrigatório e único de todo progresso. É bem característico, para citar um exemplo, o que ocorre com a miragem da alfabetização do povo. Quanta inútil retórica se tem desperdiçado para provar que todos os nossos males ficariam resolvidos de um momento para o outro se estivessem amplamente difundidas as escolas primárias e o conhecimento do ABC. (HOLANDA, 1995, p. 165)

Do ponto de vista educacional, a proposta de alfabetização das massas, centrada no ensino primário, “de base”, recuperando a “autoridade do professor”, foi um dos argumentos que ajudou a eleger Jair Bolsonaro presidente do Brasil em 2018. Para Sérgio Buarque de Holanda, levar a educação ao povo não é necessariamente “a” solução para o país, pois, sem condições de uma formação cultural mais ampla, seria como “uma arma de fogo posta nas mãos de um cego” (HOLANDA, 1995, p. 166).

Exemplo real dos efeitos colaterais da metáfora acima é que, ao lecionar radiofonicamente em vocabulário culto, Cortella acaba exercendo a função de um discreto agente de “preconceito linguístico” (BAGNO, 2007). Não que o filósofo pregue a necessidade de usar certas palavras, mas, ao evitar outras, de caráter mais popular, ele as exclui do reino do conhecimento. É como a aula que os alunos não entendem, mas mesmo assim saem dela elogiando a sabedoria do mestre, sobretudo pelas palavras que ele pronunciou e poucos entenderam.

6 REVISÃO CRÍTICA DA CRÍTICA

Qual a relação entre a crítica ao quadro radiofônico “Academia CBN” e a crítica jornalística e acadêmica, a quem endereçamos este artigo? Enquanto houver difusionismo e reiterados elogios a iniciativas difusamente conhecidas como de “divulgação científica” ou “promoção de conhecimentos”, comunicadores e seus críticos precisam atualizar paradigmas.

A revisão crítica da crítica passa por reposicionamentos editoriais da comunicação científica na imprensa, nas publicações acadêmicas e nos cursos superiores, sobretudo de Jornalismo, nos quais existem disciplinas específicas para transmitir aos alunos, não raro, gramáticas ortodoxas visando formar futuros tradutores de pesqui-

sas, muitos deles posteriormente encaminhados a pós-graduações que os especializam ainda mais – e cujo interesse parece crescente.

Por outro lado, nossa perspectiva não é de reproche radical aos veículos de comunicação. Para falar nos termos brutalmente simplificadores com os quais muitos brasileiros têm se ofendido, não se trata de uma crítica “de esquerda” a mais um veículo “da Globo”, ou seja, a Rádio CBN.

Ao contrário. Acreditamos que a programação da referida rádio em São Paulo tem como princípio editorial justamente a promoção da diversidade de vozes, o que realiza com sucesso, em larga medida. As críticas ao quadro de Cortella caberiam a poucos programas da CBN paulistana.

Nossas conclusões, até o momento, vão no sentido de apostar num reposicionamento paradigmático que possa estabelecer o diálogo entre ciência e sociedade. Não se trata de refundação de processos comunicacionais, nem da crítica, pois cairíamos na armadilha de imaginar o definitivo fim de ciclos e o início de outros, completamente diferentes. Novos contextos não nascem todos os dias, são construídos a longo prazo, com ferramentas do passado e do presente.

Em sentido complexo, a crítica possível e consequente ao modelo difusionista “nem idealiza a modernidade nem a rejeita em bloco, mas procura compreendê-la em sua unidade contraditória e a critica em sua dimensão repressiva, utilizando sempre que necessário as grades teóricas desenvolvidas pela própria modernidade” (ROUANET, 1987, p. 32).

Assim, ao invés da rejeição cega e inocente à razão, o que nos parece reprovável são os exageros que levam ao extremo da racionalização, construtora de visões totalizantes e coerentes a partir de aspectos parciais que podem, “a partir de uma proposição inicial totalmente absurda ou fantasmática, edificar uma construção lógica e dela deduzir todas as consequências práticas” (MORIN, 2005, p. 158).

Em termos mais contundentes:

Nós filósofos não temos a liberdade de separar entre alma e corpo, como o povo separa, e menos ainda temos a liberdade de separar entre alma e espírito. Não somos rãs pensantes, nem aparelhos de objetivação e máquinas registradoras com vísceras congeladas – temos constantemente que parir nossos pensamentos de nossa dor e maternalmente transmitir-lhes tudo o que temos em nós de sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino, fatalidade. (NIETZSCHE, 1999, p. 175).

Do ponto de vista que sustentamos neste artigo, um pouco do destempero epistemológico de Nietzsche não faria mal a Cortella, nem aos seus favoráveis críticos, ouvintes e leitores.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico** - o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DAMÁSIO, Antônio. **O erro de Descartes** – Emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GRECO, Milton. Os paradigmas fundamentados na certeza. In: A crise dos paradigmas. **Anais do 1º Seminário Transdisciplinar**. São Paulo: ECA/USP, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta o que é Iluminismo?. In: KANT, Immanuel. **A paz perpétua e outros opúsculos**. São Paulo: Edições 70, 1995.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Vianna Doeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. (Org.) **Ciência e sociedade: mediações jornalísticas**. São Paulo: Estação Ciência, CCS/USP, 2005.

_____. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

_____. O criador da assinatura coletiva. In: **Liberdade de expressão, direito à informação nas sociedades latino-americanas**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010.

_____. **Ato presencial: mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. In: **Obras incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

RIBEIRO, Renato Janine. **O afeto autoritário**. Televisão, ética e democracia. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.